



Revista Historiar

ISSN: 2176-3267

Vol. 14 | Nº. 27 | Jul./Dez. de 2022

Edinailson Passos

Mestrando em História, Culturas e Espacialidades/UECE
passos.lotero@email.com

ESTUPENDAS FESTAS: as comemorações do Centenário da Independência do Brasil na cidade de Granja-Ceará.

RESUMO

Este artigo analisa como se deram as festividades do Centenário da Independência do Brasil na cidade de Granja, interior do Ceará. Busca entender como foram assimilados os projetos e discursos nacionais na programação local. Além disso, perscrutam as concepções feitas por mulheres da elite acerca dos eventos cívicos, objetos de sociabilidades e discussão. O intuito é compreender diferentes significados dados à efeméride naquele 1922 de celebrações pelo país.

Palavras-chave: Centenário da Independência do Brasil. Granja-Ceará. Comemoração.

STUPENDOUS PARTIES: The Centenary celebrations of Brazil's independence in the city of Granja-Ceará.

ABSTRACT

This article analyzes how the Centenary festivities of Brazil's independence occurred in the city of Granja, in the Ceará countryside. It seeks to understand how the national projects and discourses were assimilated into local programming. In addition, they scrutinize the conceptions made by elite women about civic events, objects of sociability, and discussion. The aim is to understand different meanings of data on the ephemeris since 1922 of celebrations across the country.

Keywords: Brazil's independence Centenary. Granja-Ceará. Celebration.

Introdução

O Centenário da Independência do Brasil movimentou diversos setores da sociedade em todo o país. A efeméride foi tomada como muito importante para passar despercebida e, mais que isso, para não ser comemorada de forma apoteótica. O número fechado era um fascínio, capaz de engrenar forças preparativas muito antes da execução, sem contar que o próprio *sete de setembro* era uma das festas que a “República mandou guardar” (OLIVEIRA, 1989). Por completar os 100 anos no período republicano, o presidente Epitácio Pessoa investiu na criação de uma consciência de unidade nacional que confirmasse a consolidação da República. Embora não houvesse consenso aos projetos do Governo, ecos deles chegaram à pequena cidade de Granja, região Norte do Ceará, que imprimiu seu próprio tom àquele momento cívico.

Em 1922, com população por volta de 28 mil habitantes¹, o Município era extenso e rural, apenas 29% morava na sede urbana, e um número menor ainda de moradores participou das cerimônias cívicas oficiais, algumas concentradas no salão do sobrado da Câmara. O Centenário na Granja foi uma festa idealizada pela elite política e comercial para ela mesma, demonstrando “[...] que as elites de vários estados brasileiros, uma vez colocado em andamento o plano nacional, decidiram optar por guardar a sua própria memória, dando força à sua identidade regional e não à comunidade imaginada ou simbólica” (MENESES, 2008, p. 256).

Para entender como se organizou aquele momento, esta pesquisa lança mão da análise do livro de tombo da Paróquia de Granja, registros do monsenhor Vicente Martins (1880-1948), historiador da cidade e ator social daquelas comemorações. Do mesmo modo, interessa-se pelo que se registraram nas atas das seções da Câmara Municipal de Granja, rastros de como o poder público recepcionou a efeméride e planejou sua comemoração.

Além disso, as festividades, sobretudo em uma cidade pequena, tinham significados diferentes para quem as apreciava como expectador, como é o caso das mulheres da família Barreto Xavier², que teceram comentários sobre o que presenciaram. A fim de cooptar percepções daqueles acontecimentos, este trabalho

¹ Segundo Censo de 1920, o município possuía uma população de 27.962, sendo 8.135 morando na sede do município. In: BRASIL. Directoria Geral de Estatística. *Recenseamento do Brasil realizado em 1 de setembro de 1920*. V. IV (2ª parte, Tomo I) População. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio, 1926.

² A família Barreto Xavier aqui citada consiste no casal Ignácio Xavier e Elisa Barreto Xavier, seus treze filhos e ramificações da família de Elisa Barreto, a irmã Maria e a sobrinha Sara.

analisa a correspondência³ encaminhada ao primogênito masculino da família, o futuro jornalista e crítico literário, Lívio Xavier (1900-1988), que morava no Rio de Janeiro no período. Merecendo destaque as cartas enviadas por sua irmã, Berenice Xavier (1899-1986), por sua tia materna, Maria Barreto Ciarlini (1865-1928), e por sua prima, Sara Barreto (1907-1987), parentas que citaram as festas do Centenário.

Pertencentes à elite local, as Barreto Xavier tiveram pleno acesso àquelas cerimônias cívicas e religiosas. Embora, em suas observações, os atos religiosos e os ufanismos pátrios fossem os menos convidativos, o que interessava mesmo era a oportunidade de entretenimento proporcionado pelas festividades, como observou Lília Schwarcz ao analisar essas cerimônias em pequenos núcleos urbanos: “o suposto é que, nesses locais, o “sentimento religioso ou cívico” passava ao largo e as comemorações transformavam-se em pretexto para o exercício da sociabilidade.” (SCHWARCZ, 2001, p. 612).

Os preparativos para as comemorações do centenário em Granja começaram ainda no final do ano de 1921, pelo menos no poder público. Em 30 de dezembro, a Câmara se organizou, em sessão extraordinária, para encaminhar uma resposta ao ofício do prefeito, disponibilizando um conto de reis para as despesas com o mostruário de “produtos curiosos e especiais”, que representaria o município na Exposição do Centenário da Independência no Rio de Janeiro. O delegado responsável pela exposição no Ceará, Ananias Serpa, encaminhou telegramas para os prefeitos do estado, pedindo colaboração para a Exposição, organizada pelo Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio. (Ata da Sessão Extraordinária de 30 de dezembro de 1921, Livro de Atas 1914-1928, ACMG, folha 102)⁴.

Abria-se um campo de expectativa, em torno das comemorações dos 100 anos de Independência Nacional, que não incluía somente o setor público. Diversos extratos da população começaram a acompanhar as notícias dadas por autoridades ou que chegavam pela imprensa, planejando como seria sua participação em tudo aquilo. A jovem Berenice Xavier, então com 23 anos, enviou uma carta para seu irmão Lívio exprimindo sua frustração e anseios em presenciar as comemorações na capital do país: “não imaginas como tem crescido ultimamente o meu desejo de ir até aí para o

³ Correspondência passiva enviada a Lívio Xavier e acumulada por ele. O acervo é custodiado no Centro de Documentação e Memória (CEDEM), da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), com o nome Fundo Lívio Xavier (FLX). Acessado através do endereço: <https://sistemas.unesp.br/cedem/publico/material.pesquisar.action>

⁴ Arquivo da Câmara Municipal de Granja (ACMC).

centenário, o que pelo jeito que vão tomando as coisas acho impossível... enfim, pode ser!” (XAVIER, B. 22 nov. 1921). A missiva remonta a novembro de 1921, quase um ano antes da grande data, sendo um assunto que volta e meia rondava os planos da moça. Em outra comunicação, em 14 de agosto de 1922, já sem esperanças de ir ao encontro do irmão, conforma-se em escrever duas linhas reticentes sobre a programação na própria cidade: “o centenário vai ser comemorado com um grande baile na Câmara... as meninas da escola da d. Julia sairão em passeata de gorro e faixa verde...” (XAVIER, B. 14 ago. 1922). Enquanto isso, naquele mesmo mês de agosto, outra sessão extraordinária na Câmara discutia um requerimento do prefeito, aprovando mais cem mil reis de ajuda auxiliar à Festa do Centenário⁵. Nenhum cerimonial tinha exigido tanto dinheiro da municipalidade até então.

Entre a República e o Império

Eis que, no dia 7 de setembro, o programa contou com duas sessões patrióticas na Câmara Municipal, uma extraordinária, para os vereadores, e outra intitulada de Sessão Cívica, que, aberta ao público, envolvia o prefeito e outras autoridades. Na sessão extraordinária, a solenidade se iniciou com o vereador José Ignácio da Fonseca, que, “em nome dos munícipes”, ofereceu um retrato de D. Pedro II para sua aposição ao Salão Nobre, moção unanimemente aprovada. Por todo o país, existia um movimento de reconciliação com a monarquia, como lembra Marly Motta:

O segundo semestre de 1920 foi marcado por um intenso debate em torno da revogação do decreto de banimento da família imperial, o que possibilitaria a volta à terra natal dos despojos dos imperadores Pedro II e Teresa Cristina e de seus familiares ainda vivos, como a Princesa Isabel e o Conde D'Eu, exilados na França. O retorno da família imperial ao solo pátrio simbolizaria a unidade nacional [...] (1992, p. 25).

Sem demora, fazendo-se o protocolar, o quadro foi acrescentado em uma das paredes do primeiro andar da Casa de Câmara. Prédio, este, construído com recurso

⁵ Provavelmente essa verba foi usada para a construção de um “monumento à Independência”, como relata Eusébio de Sousa. No entanto, afora a citação do estudioso, não se encontrou citação tal monumento, construção ou inauguração nos documentos consultados por esta pesquisa. Segundo Sousa: “Na antiga cidade do norte do Estado (Granja), a passagem do 1º centenário de nossa Independência política não ficou esquecida. Em homenagem à memorada data, erigiram, na praça pública, vistosa coluna de alvenaria, símbolo de magno acontecimento de nossa história. O monumento foi custeado pelos cofres municipais e a sua inauguração teve lugar, solenemente, na celebrada data – 7 de setembro de 1922. In: SOUSA, Eusébio. Os Monumentos do Estado do Ceará. **Revista do Instituto do Ceará**, Fortaleza: Tipografia Minerva, ano XLVI, 1932, p. 87.

do tesouro imperial. Muito mais que promover uma identificação da Independência com a monarquia, em especial na Granja, a figura de D. Pedro II era a presença nostálgica das mudanças ocorridas na cidade no Segundo Reinado:

[...]como lembrança e eterna memória dos extraordinários benefícios que fez a este Estado e especialmente a este Município durante a horrível seca que assolou esta ex-Provincia nos anos de mil oitocentos e setenta e sete a mil oitocentos e setenta e nove; dotando-nos não só com a Estrada de Ferro que conta este rincão, como outros melhoramentos de magna utilidade. (Ata da Sessão Extraordinária do dia 7 de setembro de 1922, Livro de Atas 1914-1928, CMG, folhas 106-107).

Homenagens ao último imperador do Brasil foram presentes em todo o Ceará, a exemplo da feita pelo presidente do Instituto Histórico do Ceará, Tomaz Pompeu de Sousa Brasil, que em seu livro *O Ceará no Centenário da Independência* (1922), fez uma dedicatória ao presidente da república, Epitácio Pessoa, e à “memória de Sua Majestade o sr. D. Pedro II” (BRASIL, 1922).

Na parede do sobrado, o quadro de Dom Pedro II se juntou aos de outros símbolos. O vereador José Baptista de Sá pediu para que, no mesmo salão, fossem inaugurados os retratos do Conselheiro Antônio Joaquim Rodrigues Junior (1837-1904), por seus longos anos à frente do Partido Democrata no Ceará, e o do Coronel Ignácio de Almeida Fortuna (1841-1938), o prefeito na ocasião. Conciliação entre a memória monarquista e republicana. “Republicanizar a República é a palavra de ordem que comanda a comemoração do Centenário em 1922” (MOTTA, 1992, p. 26), pouco importava o regime, era a sagração dos paradigmas de governantes que se rememorava no salão daquela edilidade.

Outra indicação aprovada na mesma sessão foi a do vereador Clóvis Gomes Parente, designando a praça onde se situava o prédio da Câmara com o nome Praça Municipal, e, ao largo da Igreja Matriz, o nome de Praça da Independência. Espaços reivindicados pelas ações comemorativas, para que as futuras gerações tivessem conhecimento.

Em outro momento, ainda na Câmara, mas não restrito àquele poder, sucedeu a denominada “Sessão cívica para comemorar o centenário da Independência do Brasil”. Reuniram-se os camarários, o prefeito, diversas autoridades, como o delegado,

o subdelegado e o vigário da freguesia; bem como as professoras públicas⁶, acompanhadas por suas alunas, que chegaram ao local após desfile cívico pelas ruas.

Ao abrir a sessão, o prefeito convidou um grupo de “notáveis” para fazer parte da mesa, sem explicação protocolar, mas que, em diversos momentos do cerimonial, tomaram a fala e discursaram. Posteriormente ao prefeito, o presidente da Câmara alinhou seu discurso com os propagados para aquelas comemorações, convocou todos os presentes para manifestarem o “regozijo por tão grande acontecimento”, daquele “secular ano”, da “magna data”, em que foi proclamada a Independência, evocando a memória dos acontecimentos de 1822, quando a “liberdade da Nação” foi conquistada pelo “Príncipe D. Pedro de Alcântara, 1º Imperador do Brasil”. Sem deixar, contudo, de repetir partes de falas da sessão anterior:

[...] lembrou os feitos heroicos, benefícios e melhoramentos, que neste município deve-se ao magnânimo Monarca D. Pedro 2º Imperador do Brasil e a salvação de milhares de indigentes nas calamitosas secas que grassarão neste estado e especialmente neste município (Ata da Sessão Cívica para comemorar o centenário da Independência do Brasil, em 07 de setembro de 1922. Livro de Atas 1914-1928, ACMG, folhas 108-109).

Liberadas as falas, as estudantes puderam ler suas composições patrióticas, assim como os membros que compuseram a mesa. Proferindo-se diversas alocações, ao fervor cívico de cada orador. Dando o tom que o presidente da casa reivindicou em sua fala: de estarem eles, naquela unida Nação, fazendo festas “genuinamente populares” para alegria dos brasileiros. Opinião não corroborada por Sara Barreto, uma das presentes:

Fui a uma tal de sessão na câmara em que falaram diversas pessoas, um dos oradores cometeu o crime de nos impingir toda a História do Brasil em menos de duas horas! Uma das autoridades da terra, também fez uma oração, em que não citou a História, mas em compensação falou em quanta estrada e em quantas obras há, acho que em todo o nordeste, só não ouvi mais porque acho que fiquei desacordada, mas parece-me que o homem falava do Epitácio. De Centenário basta, e para não te falar das meninas das escolas, de (gorro...) que estiveram admiráveis. Por isto podes julgar o resto, e basta. (BARRETO, 17 out. 1922, grifo do autor).

Em lapsos de lembranças, a jovem Sara, aos 15 anos, memorizou um entrelaçamento de discursos envolvendo a seca no século XIX e o estio recém-superado do período. Os termos “estradas” e “Epitácio” não eram incoerentes na

⁶ As professoras: Júlia Barreto Ayres, Marieta Mendes Carneiro, Antônia Machado de Gouveia e Maria Augusta da Silva.

mesma oração, pelo menos não no interior do país. Os planos do Governo Federal para comemorar plenamente a Independência passavam por transformar problemas de caráter regional em problemas nacionais. A Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas estava empenhada em mitigar os efeitos da estiagem que, na passagem das décadas, atingiu o Ceará. Em julho de 1919, foi iniciada a construção da Rodagem de Granja à Viçosa, estrada que conectava o município à cidade serrana vizinha. A obra era um marco para o desenvolvimento local, aprovada com a colaboração do presidente do estado no período de 1916 a 1919, o engenheiro João Thomé, que posteriormente e na condição de senador, visitou sua execução naquele começo de 1922. O escritório central⁷, instalado em Granja, ficou responsável também pela construção do “Açude Chaval”, localizado no distrito de mesmo nome, uma estrada carroçável até o distrito de Parazinho, e por outros pequenos melhoramentos urbanos, como o embelezamento da “Avenida do Antônio Gouveia”, obra conexas à estrada de rodagem.

A unificação do país, apregoada nos discursos, não se tratava apenas do ponto de vista simbólico, era preciso resolução de problemas que estavam no cotidiano da população e que interferiam em sua percepção de país. Melhorias no interior do Brasil entravam no rol dos desafios da administração de 1919 a 1922. O presidente Epitácio Pessoa desejava sanar problemas de cunho nacional, com especial atenção aos estados menos favorecidos até então, combater as secas no Nordeste, resolver questões com a saúde pública, promover a valorização do café e impulsionar a economia (MENESES, 2008).

Afora os excessos de falas que enfadaram Sara Barreto, houve nos discursos das sessões, ausência de narrativas, esquecimentos. O mais evidente deles era a falta de notas sobre a própria participação do município nos eventos ocorridos em 1822. A história local dava conta de uma adesão de Granja à independência do Ipiranga, colaborando até mesmo nas batalhas contra o reestabelecimento lusitano. Os cem anos daqueles episódios poderiam ser o ensejo para memorá-los ou, quiçá, evocar a memória de um dos seus personagens mais famosos, João de Andrade Pessoa (1787-1825). Como comandante Geral da Vila de Granja, Pessoa impediu que tropas portuguesas desembarcassem no Porto da Amarração e que soldados de Fidié (1856-

⁷ O escritório era dirigido pelo engenheiro Plínio de Castro Nunes, engenheiro-chefe da 1ª seção de Estradas de Rodagem do Norte do Estado, que morava em Granja e foi convidado para as mesas das sessões nos cerimoniais oficiais do Centenário.

1856) invadissem a Província do Ceará, já independente. Foi considerado um herói da Independência por Pedro I e condecorado com a primeira ordem criada pelo Império, a Ordem do Cruzeiro do Sul. Não obstante, João de Andrade Pessoa “Anta”, codinome de guerra que adotou, teve sua memória mais associada aos eventos que ocorreram posteriormente, em 1824, quando aderiu à Confederação do Equador, malgrado movimento separatista no qual terminou sendo executado em praça pública, como traidor, por ordem do mesmo Pedro I.

Na República, Pessoa Anta teve a memória reestabelecida como um mártir, deixando de ser visto como inimigo do Império brasileiro. Em contrapartida, teve sua participação nas guerras pela independência brasileira desapreciada. Sua imagem foi recriada como herói cearense, morto em defesa dos valores republicanos. Trabalhos sobre o granjense foram produzidos pelo Instituto Histórico do Ceará⁸, que se preparava para o Centenário da Confederação do Equador (1924). Entre os artigos publicados na revista da instituição, estava um escrito por um importante membro daquelas cerimônias locais, o vigário Vicente Martins. O padre-historiador publicou uma biografia sobre Pessoa Anta em 1917, pontuando que, “em Granja, terra de seu berço, a sua memória reclama um pedestal de mármore onde as gerações contemplem o busto do audacioso patriota e valente republicano” (MARTINS, 1917, p. 329). Nas sessões de 1922, a mesma sugestão não foi repetida, não se mencionou herói local da Independência merecedor de coluna de mármore, Pessoa Anta ou qualquer outro.

Anseios pela Metrópole

O único membro do Instituto Histórico do Ceará, nas comemorações do centenário na Granja, não estava disposto em exaltar o passado. Vicente Martins tinha em mente executar um projeto com perspectivas de futuro. Mas, antes, em paralelo aos planos de homem intelectual, havia as obrigações sacerdotais, que, naquele ano, exigiram o cumprimento de normativas bem estabelecidas para o 07 de setembro⁹. Dom José Tupinambá da Frota, bispo diocesano de Sobral, ao qual Martins era subordinado, decretou *in Nomine Dei invocato*, em 20 de agosto de 1922, que não faltassem aos festejos públicos a nota religiosa: “[...] cantemos hinos, entoemos

⁸ Cf. BRÍGIDO, 1889; MARTINS, 1917.

⁹ O documento estabelecia seis itens a serem cumpridos no dia 7 de setembro e posteriormente, entre eles: promover na paróquia festas de caráter religioso, convidando o povo a agradecer um século de Independência Nacional; celebrar um Te Deum no dia 7 de setembro; promover durante as três últimas horas que precedem o dia 7 uma vigília eucarística, terminando com a benção à meia noite; entre outros.

hosanas jubilosas à pátria querida, nossa mãe gentil, rememorando o canto altivo e eloquente dos nossos pais: ‘Ou ficar a pátria livre/Ou morrer pelo Brasil’” (Livro de Tombo da Paróquia de São José da Granja: 1902-1923. Arquivo da Paróquia de Granja, folha 131).

Após preencher com formalidades católicas o dia da *data magna*, Martins organizou seu particular projeto para o 1922, a Exposição Agro-Industrial da Granja, influenciado pela “vitrine do progresso”: a Exposição Internacional do Centenário da Independência do Brasil, no Rio de Janeiro.

O evento granjense foi realizado entre 13 e 15 de novembro, encontrando outra efeméride emblemática, como divulgou o jornal *A Ordem*:

Granja

No dia treze do vigente, será inaugurada a Exposição Agro-Industrial, em Granja, sob os auspícios do Rvndo Pe. Vicente Martins da Costa, cujo certâmen terminará a 15, dia em que se comemorará a proclamação republicana no nosso país.

Esta ideia patriótica é patrocinada pelo Presidente do Estado, autoridades locais e pessoas gradas da cidade, inclusive o seu iniciador, Padre Vicente Martins.

[...] (GRANJA, 10 nov. 1922, p. 2)

A “ideia patriótica” amoldava-se aos objetivos da Exposição no Rio de Janeiro, ligados ao nacionalismo, ao progresso e à modernidade em diversas áreas. O evento da Granja remetia à imagem que o padre desejava produzir sobre a identidade do granjense, interesse de intelectual que já aparecia em seus artigos historiográficos na *Revista do Instituto do Ceará*:

O granjense é criador, agricultor, laborioso e especialmente artista. Não se encontra no povo um homem que não tenha um pequeno ofício; o que não é marceneiro, que é arte principal que caracteriza a indústria do povo, é ferreiro, pedreiro, sapateiro ou ourives; cada qual tem enfim o seu ofício. (MARTINS, 1912, p. 343-344)

A mostra da Granja compreendia as diversas habilidades que o padre propalava não faltar aos gentílicos: trabalhos manuais, na lavoura, na pecuária, na indústria extrativa e fabril, no comércio, nas belas artes e até um colecionismo¹⁰. A cidade de Granja foi representada por 162 expositores, enquanto dos distritos tiveram

¹⁰ Apenas os relacionados a produtos impressos: coleções de jornais locais e nacionais, livros e revistas ilustradas.

os seguintes números de expositores: Riachão: 86; Chaval: 14; Ubatuba 23; e 20 representantes de Martinopole.

Para além do tentar (re)construir um campo simbólico, estabelecendo uma identidade para os granjenses, o pretexto mais explícito para realização da exposição era promover a especialização e profissionalização da mão-de-obra. Na programação, houve conferência sobre os modelos de ensino, além de que Vicente Martins:

Em seu discurso dissera que o fim principal da referida exposição era chamar as atenções do Governo Federal para o fim de serem introduzidos no Município novos moldes da agricultura devido à aptidão do povo para o trabalho, muito bem observadas nos diferentes produtos agro-industriais e trabalhos de artes e ofícios exibidos na mesma (Livro de Tombo da Paróquia de São José da Granja: 1902-1923, Arquivo da Paróquia de Granja, folha 134.).

O padre tinha uma evidência do futuro, esperava angariar atenção e investimentos para a produção do município, “[...] ficando a comissão de remeter ao Ministro da Agricultura, por intermédio do Sr. Inspetor Agrícola em Fortaleza, um mostruário de todas as sementes e produtos com as cópias das atas das sessões e relação de todos os expositores” (Livro de Tombo da Paróquia de São José da Granja: 1902-1923, Arquivo da Paróquia de Granja, folha 136.).

A Exposição Agro-Industrial da Granja recebeu visibilidade local e na capital do Brasil através da imprensa, ganhando reprodução de telegramas e classificados pagos nos jornais cariocas. Recebeu atenção e elogio do Marechal Rondon, quando este e sua Comissão estiveram na cidade, em visitas pelo Ceará supervisionando as obras contra a seca. Exposições como aquelas, no final do século XIX e início do século XX, marcaram o processo de modernização das cidades, caracterizaram-se por representar inovações científicas, tecnológicas e culturais dos espaços em que eram montadas.

Nos bastidores do evento granjense, a mostra se instituiu bem mais simples do que poderia se pintar à distância. Maria Barreto Ciarlini lembrou como foi a convocação feita a ela e aos demais expositores:

Tivemos também no dia 15 do corrente uma Exposição Agro-industrial, devido os esforços do incansável Pe. Martins que um mês antes saiu a pedir em todas as casas, as senhoras e senhorinhas um trabalho; um produto de suas mãos: o que é certo é que todos cooperávamos [...] (CIARLINI, 28 nov. 1922).

Caso não lhe pareceu um exemplo de melhoria tecnológica, pelo menos o foi de novidade e passatempo. Aquele evento e todos os acontecimentos do ano deixaram

a sensação do centenário da Independência como um ponto de inflexão. Líbia Xavier (1904-1988), outra irmã de Lívio, relembra, com animação, das festividades e até de uma temporada teatral que as outras correspondentes ignoraram em suas cartas:

A Granja está agora se animando novamente: ontem inauguração de uma exposição agro-industrial na Câmara, como um empolgante discurso do teu padrinho Padre. A dita exposição durará até amanhã 15. A estação teatral inaugurar-se a amanhã com um emocionante drama. Dizem que um lindo grupo de moças e rapazes ensaiados pelo Manuel Gouveia cantará a “Margarida vai à fonte”. Domingo levarão “Flor de Abril” [...] Esperam hoje o Rondon (!) para inaugurar a estrada da Viçosa; a comissão vai para a casa da Maria, mas o banquete acho que é em casa do Zé Antônio. Acho que vai ser uma festa baita. (XAVIER, L. 14 nov. 1922, grifos do autor).

A ideia de modernidade pairava no ar com toda aquela movimentação, os eventos, as inovações urbanas e os primeiros automóveis, que chegavam à localidade trazendo as comissões para os eventos, passavam a impressão de avanço. Como demonstra uma Sara Barreto empolgada com aquele meio de transporte: “basta dizer-te que teve o... (Prepara-te, para que o choque não seja muito grande) sabes o que? Automóvel. Por aí poderás avaliar o progresso de Granja.” (BARRETO, 14 ago. 1922).

Contudo, a compreensão da Granja avançando dava-se em comparação à própria cidade, mas, quando confrontadas às festividades do Centenário, também desempenhadas em outras cidades, as percepções das Barreto Xavier tomavam outro tom nas cartas para Lívio Xavier.

Nenhuma missiva encaminhada ao parente tinha como objetivo principal descrever ou analisar as festividades em Granja, as cartas consistiam em relatar amenidades corriqueiras, pedidos de compras, confissões particulares, fofocas da velha cidade e da família. O que importa nas análises desses registros não é saber o que aconteceu, mas a ótica expressada, como Ângela de Castro Gomes, “[...] o documento não trata de ‘dizer o que houve’, mas de dizer o que o autor diz que viu, sentiu e experimentou, retrospectivamente, em relação a um acontecimento.” (GOMES, 2004, p. 53). Por isso, é preciso levar em consideração, inclusive, para quem elas escreveram. A seleção do que ia para o papel levava em conta julgamentos e desejos do destinatário.

Cabe observar que se trata de uma correspondência passiva, ou seja, não se compreende aqui as respostas de Lívio Xavier, que, provavelmente, deixava os parentes a par dos eventos que ocorriam no Rio de Janeiro. Sabe-se, contudo, que Xavier era um intelectual em formação, estudante de Direito, e estava se introduzindo

nos circuitos modernistas das artes e política¹¹, de modo que, para parte da família, sua figura era a de um curador do que havia de melhor e maior bom gosto.

Sara se interessou pelo roteiro do primo no Centenário, dado que o dela não teria sido muito empolgante. Em carta de outubro, expressou sua frustração por perder as oportunidades que imaginava serem ofertadas no Rio de Janeiro:

Deixei de responder tua carta logo, como era de meu desejo, só para ter o prazer de dizer-te alguma coisa boa, mas já vejo que tenho de renunciar a esta alegria, visto que Granja não quer me fazer a graça de mostrar alguma coisa que possa me interessar. Como fostes de festas? Conta-me alguma coisa; fostes muito à teatros, concertos, e festas? Quanta coisa boa, e eu sem ver, mas deixa estar que as festas daqui também foram estupendas. (BARRETO, 17 out. 1922, grifo do autor).

O “estupendas” sublinhado insinua uma ironia destinada àqueles eventos que a fizeram dormir. Em seguida, ela narrou o trecho dos discursos enfadonhos que ouviu na sessão da Câmara. Sua narração, posta em comparação com as festividades da “cidade maravilhosa”, tem escopos desmotivantes. A divulgação da imagem de uma metrópole moderna, com destaque para a Exposição Internacional, disseminou, para o restante do país, o Rio de Janeiro como um epicentro glorioso das comemorações, onde não só Sara, mas muitos queriam estar. “O Chico Neves segue nestes dias para o Rio; vai assistir o ‘Centenário’. É bem possível que o vejas” (XAVIER, S. 23 ago. 1922), comentou Suzete Xavier (1897-1968), irmã mais velha de Lívio, sobre um conterrâneo atraído pelas festas.

A crença do senso estético do Rio de Janeiro como cidade moderna, despertou no imaginário daquelas mulheres, a possibilidade de sociabilidades com ofertas dilatadas, não limitadas às obrigações religiosas e cívicas. Atraídas não somente pela urbanização, mas também pela efervescência artística, sobretudo na música, interesse das missivistas que sabiam tocar diferentes instrumentos, especialmente piano, e apreciavam concertos e execuções musicais.

Berenice, que visitara o Rio de Janeiro anteriormente, não escondia o desejo de retornar a capital, principalmente naquele ano. Apesar de, ao contrário dos irmãos, não apreciar bailes dançantes (XAVIER FILHO, 2008, p. 211), ela se encantou com o que se vendia de vida social, que parecia atenuar o tédio vivido na cidade sertaneja, e sentiu que poderia realizar grandes desejos:

¹¹ Ver. BARBALHO, Alexandre. **Lívio Xavier**: Política e Cultura, um breve ensaio biográfico. Fortaleza: A CASA/Expressão Gráfica e Editora, 2003.

A minha vida ultimamente tem sido esperar, e portanto esperarei com paciência que no ano vindouro seja possível tornar a veste e ao Rio também... Tenho lido nos jornais que envias, tudo o que diz respeito aos artistas que vieram ao Rio esse ano. E sabes o que mais desejei ouvir? Brailovsky. Tu, que sabe a minha grande paixão pelo “Cauvre Frédéric” podes avaliar o meu prazer em ouvi-lo, pois segundo os jornais e a tua carta à Libya, é ele um dos maiores interpretes do mestre incomparável...(XAVIER, B. 14 ago. 1922, grifo do autor).

O lazer perpassava a possibilidade de expandir o seu universo cultural. A educação dos filhos dos Barreto Xavier era, na medida do possível, “esmerada” e aristocrática. Isso se refletia em suas recreações. Além do interesse pela música, teatro e pelo cinema, as moças se deleitavam com as atividades letradas: consumiam muita literatura e investiam principalmente na aprendizagem de idiomas, frequentemente encomendando, a Lívio, livros em inglês e francês para lê-los no original¹². O Rio de Janeiro, naquele momento, parecia ser o espaço onde as Barreto Xavier poderiam concatenar todos os seus interesses.

Em carta para seu sobrinho, de 28 de novembro de 1922, Maria Barreto Ciarlini resume as comemorações da Granja e ilustra essas diferenças no desenvolvimento intelectual:

Por aqui não há nada de novo; a festa do centenário passou-se alegremente: grupos de alunas das aulas em passeatas com músicas; discursos por estas na Câmara, em casa do Prefeito, no Escritório da rodagem e em casa das professoras; Te-Deum e Benção na Igreja; e a noite baile e cervejas na câmara! Não te mando uma cópia das alocações das meninas (4 escrevi-as eu!!!...) porque que é o que tu és, e está onde estás, vê e ouve o que vês e ouves, seria o mesmo que dizer a uma águia que ferias o espaço: anda cá ó águia; vem ver como este pintassilgo voa tão alto que chegou a pousar no tamarineiro do terraço Xavier!!! (CIARLINI, 28 nov. 1922).

Estar onde Lívio estava, a quilômetros de distância, no centro das decisões do país, conferia-lhe uma distinção que não poderia se comparar com o que ela tinha em mãos. Maria B. Ciarlini deixa transparecer o orgulho em ter escrito pelo menos quatro das alocações; ainda assim, não achou conveniente encaminhá-las ao sobrinho, que tinha acesso ao melhor da Capital. Ele, que era o orgulho da elite que faz o seu doutor na cidade grande, não deveria estar interessado em discursos sobre a Independência,

¹² Berenice Barreto Xavier se tornou uma das maiores tradutoras do país. Começou suas atividades de tradução em 1936, na Athena Editora. Foi responsável pela primeira tradução para o português de *The Taming of the Shrew*, de Shakespeare, cunhando o título “A Megera Domada”, como acabou se consagrando. Traduziu diversas obras para a Livraria José Olympio, trabalhando no Instituto Nacional do Livro e depois na Biblioteca Nacional. Ver: XAVIER Berenice Barreto. In: DICIONÁRIO de Tradutores Literários no Brasil. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2019. Disponível em: <https://www.dicionariodetradutores.ufsc.br/pt/BereniceBarretoXavier.htm>. Acesso em: 27 jul. 2022.

feitos por estudantes primárias na Granja, que, embora satisfizessem os ouvidos da plateia local, estavam aquém de quem comemorava no palco principal da República.

Considerações Finais

Observar o curso das comemorações do Centenário em Granja é compreender a existência de diversas versões sobre esses acontecimentos e suas múltiplas experiências. Ao planejar as cerimônias, a elite local quis mobilizar um passado, através de rememorações e esquecimentos conscientes, com a finalidade de corroborar com seus poderes e projetos. Tentativas restritas ao próprio circuito, já que não incluíram o povo. Por outro lado, revestido num papel de intelectual, o padre Vicente Martins convocou a população a utilizar a efeméride para dialogar sobre sua versão de futuro e de identidade para a Granja.

Assistindo a tudo isso, mas restritas para imprimir suas próprias versões da independência em público, mulheres da elite local consumiam notícias vindas da capital do país e se encantavam com as comemorações pomposas. Muito mais que atraídas por aquela programação, suas escritas dão conta de anseios em aproveitar o momento cívico para o escapismo, além de não se deixarem cooptar por discursos daqueles homens, carregados de costumes e considerados, por elas, desinteressantes.

Referências

BARBALHO, Alexandre. **Lívio Xavier**: Política e Cultura, um breve ensaio biográfico. Fortaleza: A CASA/Expressão Gráfica e Editora, 2003.

BARRETO, Sara. **[Carta enviada para seu primo]**. Destinatário: Lívio Xavier. Granja, 17 out. 1922. 1 carta. Doc. 039. Disponível em: <https://sistemas.unesp.br/acervo/publico/material.pesquisar.action>. Acesso em: 14 jul. 2022.

BARRETO, Sara. **[Carta enviada para seu primo]**. Destinatário: Lívio Xavier. Granja, 14 ago. 1922. 1 carta. Doc. 012. Disponível em: <https://sistemas.unesp.br/acervo/publico/material.pesquisar.action>. Acesso em: 18 jul. 2022.

BRASIL. Directoria Geral de Estatística. **Recenseamento do Brazil realizado em 1 de setembro de 1920**. V. IV (2a parte, Tomo I) População. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio, 1926.

BRASIL. Tomaz Pompeu de Sousa. **O Ceará no Centenário da Independência**. FORTALEZA: Typ. Minerva, 1922.

BRÍGIDO, João. **Biografias**: Coronel João de Andrade Pessoa Anta. Revista do Instituto do Ceará, Fortaleza: Tipografia Econômica, v. 3, 1889.

CIARLINI, Maria Barreto. **[Carta enviada para o sobrinho]**. Destinatário: Lívio Xavier. Granja, 28 nov. 1922. 1 carta. Doc. 018. Disponível em: <https://sistemas.unesp.br/acervo/publico/material.pesquisar.action>. Acesso em: 14 jul. 2022.

GOMES, Ângela de Castro. **A Título de Prólogo**. In: GOMES, Ângela de Castro (Org.). Escrita de si, escrita da história. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

GRANJA, **A Ordem**, Sobral, ano 7, n. 10, 10 nov. 1922, p. 2.

MARTINS, Vicente. **Notícia Historico-Chorographica da Comarca de Granja (continuação do nº anterior)**. Revista do Instituto do Ceará. Fortaleza. V. 26, 1912.

MARTINS, Vicente. **Pessoa Anta (biografia)**. Revista do Instituto do Ceará, Fortaleza: Tipografia Minerva, tomo XXXI, 1917.

MENESES, Gerson Galo Ledezma. **Rio Grande do Sul na Comemoração do Primeiro Centenário da Independência**, 1922: entre o corpo da região e o corpo na nação. Projeto História, São Paulo, n.36, jan/jun. 2008. p. 253-268.

MOTTA, Marly Silva da. **A nação faz cem anos: a questão nacional no centenário da independência**. Rio de Janeiro: Editora FGV: CPDOC, 1992.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. **As festas que a República manda guardar**. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, v.2, n. 4, 1989.

SCHWARCZ, Lília Moritz. **Viajantes em meio ao império das festas**. In: JANCSÓ, I. & KANTOR, I (Orgs). Festa, Cultura e Sociabilidade na América Portuguesa. V. II, São Paulo: Ed. Hucitec./Edusp, 2001. 603-622.

SOUSA, Eusébio. **Os Monumentos do Estado do Ceará**. Revista do Instituto do Ceará, Fortaleza: Tipografia Minerva, v. XLVI, 1932.

XAVIER Berenice Barreto. In: **DICIONÁRIO de Tradutores Literários no Brasil**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2019. Disponível em: <https://www.dicionariodetradutores.ufsc.br/pt/BereniceBarretoXavier.htm>. Acesso em: 27 jul. 2022.

XAVIER, Berenice. **[Carta enviada para o irmão]**. Destinatário: Lívio Xavier. Granja, 22 nov. 1921. 1 carta. Doc. 018. Disponível em: <https://sistemas.unesp.br/acervo/publico/material.pesquisar.action>. Acesso em: 18 jul. 2022.

XAVIER, Berenice. **[Carta enviada para o irmão]**. Destinatário: Lívio Xavier. Granja, 14 ago. 1922. 1 carta. Doc. 048. Disponível em:

<https://sistemas.unesp.br/acervo/publico/material.pesquisar.action>. Acesso em: 27 jul. 2022.

XAVIER FILHO, José. **Ignácio Xavier & Cia**. Granja: IJX, 2008.

XAVIER, Líbia. **[Carta enviada para o irmão]**. Destinatário: Lívio Xavier. Granja, 14 nov. 1922. 1 carta. Doc. 030. Disponível em:
<https://sistemas.unesp.br/acervo/publico/material.pesquisar.action>. Acesso em: 14 jul. 2022.

XAVIER, Suzete. **[Carta enviada para o irmão]**. Destinatário: Lívio Xavier. Granja, 23 ago. 1922. 1 carta. Doc. 030. Disponível em:
<https://sistemas.unesp.br/acervo/publico/material.pesquisar.action>. Acesso em: 14 jul. 2022.

Edinailson Passos

Universidade Estadual do Ceará. Mestrando em
História, Culturas e Espacialidades/UECE.

Currículo Lattes:

<http://lattes.cnpq.br/3470478304219293>

Artigo recebido em: 31 de julho de 2022.

Artigo aprovado em: 06 de outubro de 2022.